EDUCAÇÃO FÍSICA DENTRO DO ENSINO MÉDIO: UMA BUSCA POR LEGITIMIDADE

Ellen Geovana Gonçalves* (IC); Gabriel Carvalho Bunsgenstab (PQ)

ellenge13@gmail.com

Campus ESEFFEGO - Universidade Estadual de Goiás

Resumo: O presente estudo, tem como objetivo tentar identificar melhor um pouco do debate epistemológico que ocorreu e ocorre dentro da Educação Física brasileira, ao longo dos seus períodos de desenvolvimento. Após o apontamento de dois períodos de crise dentro da Educação Física, chegamos ao terceiro momento, que consiste na atual discussão da recente reforma do Ensino Médio, que por pouco não tirou essa Disciplina de sua grade curricular. Ao se chegar no ponto de debate atual, o trabalho apresenta uma pesquisa realizada com 196 jovens de cinco escolas públicas de Goiânia, onde tenta a partir das respostas entender como os jovens vem vivenciando e enxergando as práticas corporais dentro e fora da escola, para dessa maneira buscarmos entender o papel que a Educação Física vem tendo dentro do Ensino Médio e qual poderia ter. Uma vez que o cenário atual exige da nossa área debates e justificativas sore nossa real importância dentro da formação de nossa Juventude.

Palavras-chave: Juventude. Ensino Médio. Práticas corporais. Escola. Crises na Educação Física.

Introdução

Este trabalho nasceu a partir do projeto de pesquisa Juventude, práticas corporais e ensino médio, coordenado pelo professor Doutor Gabriel Bungenstab. O objetivo da pesquisa é investigar e mapear de que forma os estudantes das escolas de ensino médio da rede estadual na cidade de Goiânia/GO tem experimentado as práticas corporais que realizam dentro da escola e, fora dela.

A Educação Física é reconhecidamente uma área de conhecimento onde existem vários debates sobre sua formação epistemológica, e como essa fator

possuí consequências diretas na identidade e na prática pedagógica dessa disciplina. Dentro desse contexto esse debate epistemológico se apresenta mais relevante do que nunca graças a "problemas" antigos não solucionados, e também a fatores recentes, como a reforma do ensino médio, que fez com que o papel da disciplina de Educação Física fosse diminuído e questionado.

A partir disso, se torna necessário entender a legitimidade da Educação Física (E.F) dentro da escola, e qual sua importância social atual na formação de cidadãos. No presente estudo então pretendemos apontar as crises e debates que a E.F viveu ao longo das décadas, para assim tentar entende-la atualmente. E através de questionários, analisar qual a importância, e como a mesma vem se apresentando para os alunos dento do E.M.

Momentos de crises e reflexão

É possível identificar ao longo da história três momentos de crise na Educação Física. De acordo com Bracht (2003) o primeiro se dá por volta da década de 80, onde até então a área era pautada pelas vertentes científicas que preconizavam por aspectos estritamente biológicos, físicos e pela busca de resultados, inspirados pelos ideais da modernidade. A E.F nesse momento era portanto baseada pelas ciências naturais (fisiologia, anatomia, biomecânica etc.).

Durante esse período existia uma forte discussão político-ideológica dentro do Brasil, graças ao fim do regime militar, essa reabertura política, e sentimento de liberdade por parte dos intelectuais da época fez com que surgissem teorias críticas da E.F. Essas teorias eram pautadas pelas ciências sociais e estavam mais preocupadas com o sentido e significado do movimento humano, questionando então a visão de E.F que se tinha naquele período histórico.

O segundo momento de crise da E.F de acordo com Almeida, Bracht e Vaz (2012) aconteceu graças também a um debate epistemológico que surgiu dentro do embate entre os “modernos” e os “pós-modernos”. Os primeiros acreditam possuir um posicionamento crítico, uma vez que o posicionamento político nessa visão se torna prioridade, e mais importante até que a própria ciência. Ou seja fatores como

as diferenças entre as classes sociais e suas características se tornam preponderantes e explicativos para a produção de conhecimento científico.

Nessa perspectiva chamada de crítica, a E.F possui o papel social de ajudar na superação das classes e no entendimento dessa realidade por parte dos alunos. Já os “pós-modernos” entendem que a sociedade se tornou mais complexa com as características que a modernidade lhe trouxe, e que os aspectos microsociais, fazem mais diferenças na leitura da realidade, do que os aspectos macrossociais como a luta de classes por exemplo. Dessa maneira, acredita-se nessa vertente que existem várias maneiras de se chegar à realidade/verdade.

Por último chegamos à mais recente crise dentro da Educação Física, que se constituiu através da reforma do ensino médio e nos levou ao questionamento sobre qual a legitimidade e a função dessa disciplina dentro da escola, mais precisamente dentro do Ensino Médio.

Esse questionamento ocorre pois esse novo modelo de Ensino Médio de acordo com Gariglio, Almeida e Oliveira (2017) está totalmente voltado para a formação de jovens para o mercado de trabalho, e o ensino nele portanto se torna utilitarista. Nesse sentido a E.F que tem como característica o ensino de conhecimentos que levam em consideração a experiência do aluno e a prática corporal desvinculada de um fim mercadológico, acaba perdendo espaço e legitimidade dentro desse novo ideal de Ensino Médio proposto pelo governo.

Esses fatores fizeram com que a E.F quase fosse retirada da grade curricular do Ensino Médio. Essa foi a grande demonstração de como a importância da mesma é entendida pelos gestores da reforma, tornando esse conhecimento na visão deles, como algo descartável e sem utilidade.

Ainda segundo Gariglio, Almeida e Oliveira (2017) reduzir o Ensino Médio a essa função de formação profissional acaba empobrecendo a bagagem de conhecimentos que os alunos poderiam adquirir durante esse período de aprendizagem. "Esse reducionismo compromete a possibilidade de novas descobertas e ressignificações, tão comuns a essa fase da vida, reforçando a tendência de antecipação das decisões profissionais e de especialização do Ensino Médio." (Gariglio, Almeida e Oliveira 2017, p.57).

Esse modelo portanto, deixa de oferecer um formação de cidadania mais ampliada que forneça aos jovens acesso à conhecimentos científicos, culturais, tecnológicos, sociais, estéticos entre outros. Isso com certeza contribuiria para formar um ser humano mais plural e consciente em vários aspectos.

Os debates sobre essa colocação da E.F em cheque dentro do E.M, nos leva a refletir sobre a formação dos profissionais nas universidades e também sobre o papel que a disciplina exerce dentro da vivência dessa juventude na escola, tentando identificar a possível importância da área para a formação juvenil.

Material e Métodos

Utilizamos neste estudo a revisão bibliográfica, e a pesquisa de campo com a aplicação de questionários, com o objetivo de tentar conhecer um pouco mais sobre esse perfil do jovem contemporâneo que está cursando o E.M, assim como tentar identificar como estes enxergam a E.F que lhe são oferecida, e quais as experiências eles já tiveram ao longo de suas trajetórias que podem nos ajudar a encontrar respostas para o debate proposto. Foram aplicados 196 questionários em cinco escolas estaduais de Goiânia, as duas perguntas retiradas para análise neste trabalho foram: o que eles gostariam de vivenciar e ainda não tiveram condições, e se preferem realizar práticas corporais dentro ou fora da escola.

Resultados e Discussão

Inicialmente, dentro do nosso projeto, partimos da hipótese de que a escola é o principal local que os jovens alunos possuem para a realização de práticas corporais, uma vez que a cidade urbana não ofereceria estruturas físicas e gratuitas para essa parcela da população. Esse tipo de conhecimento teria então como principal via de acesso a escola.

Nesse sentido perguntamos aos alunos se eles gostariam de experimentar alguma prática corporal que ainda não tiveram condições, obtivemos as seguintes respostas:

Gostaria de experimentar alguma prática corporal que não teve condições?	
Sim	126
Não	55
Não responderam	15
Total	196

Notamos a partir da tabela a cima, que 126 alunos dentro de um total de 196, possuem o desejo de experimentar práticas corporais que ainda não tiveram condições ou oportunidades, ou seja, a grande maioria deles. Isso demonstra que existe uma lacuna de anseio de conhecimento e vivências que precisa ser preenchido pela E.F. Ainda mais se falando de jovens de escola pública (já que este foi o universo pesquisado), onde o nível socioeconômico em sua maioria é baixo e teoricamente os jovens não teriam muitas condições de pagar uma iniciação esportiva por exemplo. A escola se torna em muitos casos, a forma pela qual os jovens teriam ou deveriam ter esse acesso a esse conhecimento. Se retirando portanto a disciplina de E.F do E.M como isso ficaria?

É possível que os jovens realizem uma leitura do mundo, e no mundo, através das práticas corporais, é nisso que acreditam as Orientações Curriculares do Ensino Médio (BRASIL, 2006). Nesse sentido Gariglio, Almeida e Oliveira (2017), ainda afirmam que a E.F sendo usada como uma forma de linguagem, ainda poderia ser uma “chave de leitura” do mundo, pois dentro dela se estabelece relações sociais com indivíduos e coletivos diferentes, e a partir dessas respectivas subjetividades é possível se adquirir uma leitura ampliada e crítica da realidade.

Um fato que vale a pena ser destacado é o de que mesmo a pergunta não sendo aberta (Gostaria de experimentar alguma prática corporal que não teve condições?) um número significativo de estudantes responderam quais práticas eles gostariam de experimentar. Algumas das mais citadas foram: Lutas, natação, dança,

tênis e ginástica. É válido ressaltar que os conteúdos de lutas e dança, segundo Nascimento e Almeida (2007), são as práticas corporais mais negligenciadas pelas aulas de E.F, provavelmente por isso estejam entre as mais citadas, já que os alunos não tem a oportunidade de vivencia-las.

Tentando entender um pouco mais sobre a importância das aulas de E.F para os alunos do E.M, e como a mesma vem se apresentando dentro da escola, perguntamos também aos alunos se eles preferem realizar práticas corporais dentro ou fora da escola. Os resultados foram:

Prefere realizar práticas corporais dentro ou fora da escola?	
Dentro	43
Fora	99
Dentro e Fora	30
Nenhum dos dois	24
Total	196

Dentre os motivos citados pelos alunos que preferem a prática corporal dentro das escola, estão em primeiro as amizades, a falta de tempo fora do horário escolar assim como a estrutura e materiais que esse ambiente proporciona. Já as pessoas que preferem os dois locais (dentro e fora), expressaram um número de 30 alunos, a maioria alegou dentre os motivos, que gostam de praticar atividade física independentemente do local, ou seja, são pessoas que já possuem uma vivência e afinidade com o se movimentar humano.

No entanto, o indicador mais importante apresentado por essa pesquisa, e que necessita ser debatido, é o fato de que a maior parte dos alunos preferem realizar práticas corporais fora da escola. Isso portanto, representa um grande problema para nossa área, pois como dito anteriormente nesse estudo por Gariglio, Almeida e Oliveira (2017) o governo com suas medidas neoliberais, quase tirou a

E.F de dentro do ensino médio. Diante disso como justificar nossa importância e função dentro da escola se os próprios alunos estão dizendo que preferem a prática fora dela?

Primeiramente vamos ás justificativas. Os alunos disseram preferir “fora” pelos seguintes motivos: falta de materiais e estrutura dentro da escola, pelo tempo de prática fora da escola ser maior, por dentro do ambiente formal de educação existir muita pressão na realização das práticas corporais assim também como a crítica dos colegas e professores, e pelas aulas livres que acontecem, ou seja, aulas sem conteúdo e ensino por parte do professor

A partir dos motivos elencados é possível discutirmos alguns pontos importantes, como a falta de estrutura e materiais na escola, sendo este um problema diretamente relacionado com as políticas públicas e falta de investimento na Educação, essa precarização, demonstra também a desvalorização da importância da E.F já que pouco se investe em construção e manutenção de espaços adequados para as aulas, além de não se adquirir os materiais necessários para a mesma. O professor então precisa “se virar” para conseguir passar os conteúdos e tornar a aula interessante para o aluno.

Segundo Damazio e Silva (2008) fatores como condições materiais e estruturais influenciam de forma significativa o trabalho de ensino-aprendizagem do professor de educação física. O professor deve então usar o elemento da criatividade e adaptação para conseguir superar possíveis problemas encontrados.

O segundo motivo mais citado para preferir “fora” foi pelo tempo de prática ser maior, ou seja, os alunos sentem que o tempo de aula que se tem dentro da escola não é suficiente para conseguir desenvolver um trabalho a um nível tão interessante. As aulas então muitas vezes se tornam apressadas, dificultando a apreensão do conhecimento por parte dos alunos.

O fato de existir pressão na realização das práticas corporais dentro do ambiente das aulas gerando assim críticas e comentários de colegas e professores, é uma questão antiga dentro da nossa área, onde alunos menos desenvolvidos tecnicamente ou menos “aptos” fisicamente acabam não se sentido à vontade nas aulas e vão se desmotivando com relação às mesmas. Existe uma espécie de

padronização do movimento, que se não alcançado como esperado acaba gerando exclusão. Kunz (2002) dialoga nessa esteira ao afirmar que é obrigação da Educação possibilitar que os alunos conheçam a si mesmo, e se descubra de acordo com suas própria referências, e não pautados por referências externas que tentam ditar um padrão pré-concebido.

Com relação ao ponto mais grave dentro desta discussão, aparece as aulas livres, ou mais conhecidas como “rola bola”, já que estas parecem ser mesmo o “câncer” da nossa área, uma vez que é impossível justificar nossa presença dentro do Ensino Médio se o professor de E.F não der aula.

Dentre as respostas dos questionários, uma aluna escreveu que prefere praticar atividades física fora da escola pois dentro dela "não tem muito o que fazer". Dentro desse cenário é preciso se questionar o papel do professor, pois já se tem pouco tempo de aula como os próprios alunos disseram, e nesse pouco tempo que se tem, o professor não vem aproveitando. O problema será a formação desse profissional? A desmotivação?

São muitas perguntas para poucas respostas, porém, é preciso se investigar quais as raízes desse problema para assim poder corta-la, pois não se pode negar esse conhecimento que são as práticas corporais, aos alunos. É um direito de todos, e importante para eles o adquirirem. Uma vez portanto que não se tem aula, a E.F não é mesmo necessária dentro da escola, pois não fará falta, a não ser nos aspecto recreativo.

Considerações Finais

A área da E.F historicamente passou por série de momentos de debates (crises), que acabaram a transformando na maneira como ela se apresenta hoje. Em um primeiro momento na década de 80 houve a crise de identidade, onde se discutiu a função social da E.F, e se ela deveria ser ciência ou não. E em um segundo momento surge um debate epistemológico quanto às matrizes teóricas que regiam à produção científica da área, e também o embate entre os “modernos” e os “pós-modernos”,

A partir disso chega-se ao debate e crise atual, que é em relação à como a E.F se estabelece dentro desse novo Ensino Médio, já que a mesma quase foi retirada desse período de formação escolar.

Tentando entender então um pouco mais sobre como essa disciplina vem se apresentando dentro da escola, e como os jovens estão a vivenciando, as respostas dos questionários nos ajudaram a ver que os alunos possuem a vontade de experimentar práticas que ainda não tiveram condições, fato que ajuda a comprovar nossa hipótese de que a escola ainda é o principal centro que proporciona aos estudantes a oportunidade de práticas corporais, para quem não tem acesso, uma vez que os centros urbanos não conseguem oferecer esses espaços de práticas diversificadas, e quando conseguem não são acessíveis a todos pela questão socioeconômica.

Existe porém uma contradição ou paradoxo dentro do estudo, pois os alunos querem realizar práticas corporais inéditas, que em muitas situações só a escola poderia oferecer, só que ao mesmo tempo a maioria dos alunos preferem a prática corporal fora da escola, onde na maioria dos lugares é oferecido apenas o futebol graças ao nosso monoculturalismo esportivo.

Se a E.F for retirada do E.M e a prática for oferecido só fora da escola, a experiência corporal acabará sendo empobrecida mais do que já é. A escola deveria ser esse local de proporcionar práticas diversificadas, porém o professor não vem oferendo essas aulas e cumprindo seu papel. Nesse cenário quando acontece de questionarem nossa importância dentro da escola como aconteceu com a reforma do E.M, esses tipos de profissionais acabam enfraquecendo nossos argumentos de defesa.

O aluno até pode preferir ou gostar mais de realizar práticas corporais fora da escola, porém é lá dentro que ele ainda terá acesso à um conhecimento tratado pedagogicamente e a uma maior diversidade de modalidades, já que no Brasil este tipo de oferta fora do ambiente escolar é escassa. Devemos então nos preocupar em formar um profissional cada vez mais capacitado, motivado, e que valorize seu papel dentro da escola, passando conhecimento para os alunos, pois só assim conseguiremos justificar nosso lugar dentro da escola e no Ensino Médio.

Justificando nossa prática com o trabalho, poderíamos então tentar buscar mais tempo de aula e melhores estruturas, mesmo isso não dependendo somente do professor, isso seria possível pois nosso bom trabalho nos blindaria.

Referências

ALMEIDA, Felipe Quintão; BRACHT, Valter; VAZ, Alexandre. CLASSIFICAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA: REDESCRIÇÕES.... **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, p. 241-263, ago. 2012. Disponível em< http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/27727/23457%3E.> Acesso em 02 de Agosto de 2018

BRACHT, Valter. **Educação Física & Ciência: cenas de um casamento (in)feliz.** 3° edição. Editora Unijuí. Ijuí-RS 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Linguagens, Códigos e suas tecnologias, Volume 1, 2006.

DAMAZIO, Márcia. SILVA, Maria. **O ensino da educação física e o espaço físico em questão.** Revista Pensar a prática. UFG. v. 11, n. 2 (2008). Disponível em< https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/3590/4066> Acesso em 07 de Agosto de 2018.

GARIGLIO, José Ângelo; ALMEIDA JUNIOR, Admir Soares; OLIVEIRA, Cláudio Márcio. **O "novo" Ensino Médio: implicações ao processo de legitimação da Educação Física.** Motrivivência, Florianópolis, v. 29, n. 52, p. 53-70, set. 2017. ISSN 2175-8042. Disponível em< https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2017v29n52p53> Acesso em 05 de Agosto de 2018

KUNZ, Elenor. Didática da Educação Física. 4° edição, Coleção Educação Física, Editora Unijui. Rio Grande do Sul 2002

NASCIMENTO, Paulo. ALMEIDA, Luciano. **A tematização das lutas na Educação Física Escolar: restrições e possibilidades.** Rev. Movimento. Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 91-110, setembro/dezembro de 2007.